

TRADUÇ

TRADUÇÃO

A ORIGEM
DO TOTEMISMO
FRANZ BOSSA

A ORIGEM DO TOTEMISMO¹ - FRANZ BOAS

ANA CAROLINE AMORIM OLIVEIRA

PROFESSORA DE SOCIOLOGIA DO CURSO DE CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA. CAMPUS SÃO BERNARDO. DOUTORANDA EM ANTROPOLOGIA PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO-USP/
ANA.CAROLINE.OLIVEIRA@GMAIL.COM

RENATA FREITAS MACHADO

USP/RENATAFREITASMACHADO@GMAIL.COM

THAIANA BALBINO SANTOS

USP/TBSTHA@GMAIL.COM

JULIANO BONAMIGO FERREIRA DE SOUZA

USP/JULIANO.BONAMIGO.SOUZA@USP.COM

MORGANE AVERY

UNIVERSITÉ LYON/MORGANE.ALIDA.AVERY@GMAIL.COM

Nas numerosas discussões sobre totemismo publicadas nos últimos anos, muito foi dito sobre a “Teoria Americana” do totemismo — uma teoria pela qual eu fui apontado como responsável conjuntamente com a Sra. Alice C. Fletcher e o Sr. Charles Hill-Tout. Esta teoria é baseada na ideia de que o totem do clã se desenvolveu a partir do *manitol* individual, por extensão, sobre um grupo de parentesco. É verdade que mostrei a analogia entre a lenda do totem e a narrativa do espírito-guardião entre os Kwakiutl, e que sugeri que *dentre esta tribo* é possível que, sob a pressão de ideias totêmicas, o conceito do espírito-guardião tomou essa linha particular de desenvolvimento². Mais tarde, o Sr. Hill-Tout³ tomou minha sugestão e baseou nela uma teoria de totemismo generalizando um fenômeno específico da Columbia Britânica. Mais ou menos na mesma época, a Sra. Fletcher⁴ fez uma interpretação mais extensa de suas observações entre os Omaha. O Sr. J. G. Frazer⁵ e Emile Durkheim⁶ ambos discutem meus argumentos a partir deste ponto de vista. Sua interpretação de minhas observações é indubitavelmente fundada em seu método de pesquisa, que tem por objeto uma interpretação exaustiva de fenômenos étnicos como sendo o resultado de um único processo psíquico.

Meu próprio ponto de vista — e eu gostaria de afirmar isto com alguma ênfase — é bastante diferente⁷. Eu acredito na existência de processos psíquicos análogos entre todas as raças, onde quer que prevaleçam condições sociais análogas; mas não acredito que fenômenos étnicos são simplesmente

expressões destas leis psicológicas. Ao contrário, me parece que os processos atuais são imensamente diversificados, e que tipos similares de pensamento étnico podem se desenvolver de formas bem diferentes. Portanto, é totalmente contrário aos princípios metodológicos que eu mantenho, generalizar a partir do fenômeno encontrado entre os Kwakiutl e interpretar, por seu intermédio, todos os fenômenos totêmicos. Destacarei esses princípios:

Primeiro de tudo, se deve ter em mente que os fenômenos étnicos que comparamos raramente são realmente semelhantes. O fato de que designemos certas narrativas como sendo mitos, de que agrupamos certas atividades como sendo rituais, ou que consideremos certas formas de produtos industriais de um ponto de vista estético, não prova que estes fenômenos, onde quer que eles ocorram, tenham a mesma história ou origem-se das mesmas atividades mentais. Ao contrário, é bastante óbvio que a seleção do material reunido para o propósito de comparação é inteiramente determinada pelo ponto de vista subjetivo, de acordo com o qual organizamos diversos fenômenos mentais. A fim de justificar nossa inferência de que esses fenômenos são os mesmos, sua comparabilidade deve ser provada por outros meios. Isto nunca foi feito. Os próprios fenômenos não contêm indicação alguma que nos obrigaria a assumir uma origem comum. Pelo contrário, onde quer que uma análise tenha sido empreendida, somos conduzidos à conclusão de que estamos lidando com material heterogêneo. Desta forma, mitos podem ser em

parte interpretações da natureza que oriundas de impressões ingenuamente consideradas (*Naturanschauung*); podem ser produções artísticas nas quais o elemento mítico é mais uma forma poética que um conceito religioso; podem ser o resultado da interpretação filosófica, ou podem ter desenvolvido a partir de formas linguísticas surgidas na consciência. Explicar todas estas normas como membros de uma série seria inteiramente injustificável.

O que é válido nos campos mais amplos da pesquisa é igualmente verdade nos campos mais restritos. A arte decorativa tal como ela é exercida por um artista que dedica muito tempo e gênio inventivo para a fabricação de um único objeto belo, e a arte decorativa tal como ela é exercida numa produção fabril, que ocorre em certas indústrias primitivas assim como em indústrias modernas, não são comparáveis, pois os processos mentais aplicados nestes dois casos não são semelhantes. Tampouco são comparáveis a invenção livre de um desenho em uma técnica familiar e a transferência de desenhos estrangeiros de uma técnica desconhecida para outra conhecida. Desconsiderar estas diferenças e tratar a arte decorativa, como se os processos psicológicos envolvidos fossem todos do mesmo caráter, significa obscurecer o problema.

O fenômeno do totemismo apresenta um problema deste tipo. Uma análise cautelosa mostra que a unidade deste conceito é subjetiva, e não objetiva.

Eu concordo bastante com a opinião do Doutor Goldenweiser⁸, que sus-

tenta que os conteúdos específicos do totemismo são bem distintos em caráter, em diferentes áreas totêmicas. Comum ao totemismo no sentido mais restrito do termo é a visão que seções de uma unidade tribal composta de parentes ou supostos parentes possuem cada uma, certos costumes definidos que diferem em conteúdo daqueles de outras seções similares da mesma unidade tribal, mas concordam com eles em forma ou padrão. Estes costumes podem referir-se a tabus, nomeação, símbolos, ou práticas religiosas de vários tipos, e são em suas formas especiais bastante distintivos para diferentes áreas totêmicas. Não há prova de que todos estes costumes pertençam um ao outro e sejam os elementos necessários daquilo que o Doutor Goldenweiser chama de “complexo totêmico”. Como os conteúdos do totemismo tal como encontrados em várias partes do mundo mostram diferenças tão importantes, eu não acredito que todos os fenômenos totêmicos possam ser derivados das mesmas fontes históricas ou psicológicas. O totemismo é uma unidade artificial, não uma unidade natural.

Estou propenso a dar um passo além do que o Doutor Goldenweiser faz em suas publicações recentes. Considero desaconselhável traçar uma linha rígida entre fenômenos totêmicos no sentido ainda mais limitado — notadamente na medida em que as características de seções exogâmicas tribais lidam com as relações do homem para os animais e para as plantas — mas acredito que deveríamos estudar todos os costumes de

maneira conectada em sua forma mais fraca bem como em suas formas totêmicas mais marcadas.

Embora devamos insistir sobre o caráter subjetivo dos grupos que nós isolamos e que fazemos o assunto de nossos estudos, é importante ter em mente que os processos pelos quais grupos alargados de atividades mentais são sistematizados por um pensamento retrospectivo (quer dizer, pela razão), ocorrem também como um fenômeno étnico em cada unidade social, de tal forma que a unificação de material heterogêneo que tentamos como um método científico infundado é apenas um aspecto de uma vasta gama de fenômenos étnicos, da qual a característica é remodelação de atividades, pensamentos e emoções sob o estresse de uma ideia dominante. Assim, no caso do totemismo, a ideia dominante da divisão exogâmica atraiu as mais variadas atividades das mais diversas origens que agora aparecem para as próprias pessoas como uma unidade e para nós como um problema, que estamos tentados a resolver como se fosse o resultado de um único processo histórico e como se tivesse sua origem histórica em uma condição psicológica única. Discuti associações deste tipo em um dos ensaios a que me referi antes⁹.

Decorre desta consideração, que, sob o a força de uma ideia dominante uniforme, formas análogas possam desenvolver-se a partir de fontes distintas. Assim eu não me sinto convencido de que o substrato do totemismo das tribos do norte da Columbia Britânica e do sul do Alasca deva ter sido o mesmo. Pelo contrário, parece haver que

seus começos possam ter sido bem diferentes. Mesmo assim, o contato histórico, e o efeito da ideia de privilégio ligado à posição, parecem ter modelado os costumes totêmicos dessas tribos e de seus vizinhos do sul, de tal forma que eles tenham assumido formas semelhantes. Chamamos este desenvolvimento a partir de fontes distintas de “convergência”, não importando se a assimilação seja provocada por causas psíquicas interna ou históricas externas.

Em relação ao problema teórico a fim de expor definitivamente minha posição, tenho que adicionar um terceiro ponto. Wundt¹⁰ e Durkheim¹¹ usam o termo “ponto de vista totêmico” em um sentido bem distinto do que estou acostumado a conectá-lo. Enquanto eles não desconsideram a ligação entre grupo social e ideias totêmicas, eles insistem sobre a identificação do homem e dos animais; isto é, um aspecto característico do totemismo no sentido mais restrito do termo. Esta ideia ocorre em muitos outros aspectos da vida mental do homem — em sua magia, arte, etc. Tampouco este ponto de vista é uma parte essencial do complexo totêmico em seu sentido mais amplo. Parece-me que, se nós chamamos isso como sendo a base de fenômenos totêmicos, uma característica é apontada de forma bem arbitrária e é colocada sobre sua associação totêmica uma ênfase indevida. Parece-me, portanto, um problema inteiramente diferente, que é tratado por estes autores — um problema interessante e importante em si mesmo, mas que tem pouca importância sobre a questão do totemismo enquanto ins-

tituição social. Seu problema lida com o desenvolvimento dos conceitos referentes à relação do homem com a natureza, que é, obviamente, bastante distinto daquele da caracterização de grupos de parentesco. A única ligação entre os dois problemas é que os conceitos referentes à relação do homem com a natureza são aplicados com o propósito de caracterizar grupos sociais e mais particularmente de parentesco.

Estou inclinado a olhar para o problema totêmico como definido antes de uma maneira bem diferente. Sua característica essencial parece-me a associação entre certos tipos de atividades étnicas e grupos de parentesco (no sentido mais amplo do termo), em outros casos também uma associação similar com grupos abrangendo membros da mesma geração ou da mesma localidade. Uma vez que, além disso, a exogamia é característica de grupos de parentesco, e a endogamia é característica de grupos geracionais ou grupos locais, passa a ser a associação de tipos de atividades étnicas com a exogamia ou a endogamia. O problema é como essas condições surgiram.

A identificação dos grupos de parentesco, e com ele da exogamia, é um fenômeno universal. O totemismo não o é. É admissível julgar a antiguidade de um fenômeno étnico por sua universalidade. O uso de pedra, fogo, língua, é extremamente antigo e agora, é universal. Nesta base é justificável supor que a exogamia também seja muito antiga. A hipótese alternativa, que um fenômeno de ocorrência universal se dá devido a uma necessidade psíquica que

o provoca regularmente pode ser feita para o grupo de parentesco, não para os outros casos. Podemos, portanto, considerar a exogamia como a condição sobre a qual o totemismo surgiu.

Quando a exogamia existia em uma pequena comunidade, certas condições devem ter surgido com o alargamento do grupo. O tamanho do grupo de incesto pode ou ter se expandido com o alargamento do grupo, ou indivíduos podem tê-lo ultrapassado, de modo que o próprio grupo permaneceu pequeno. Nesses casos em que, talvez devido à sempre-recorrente quebra das tribos em unidades menores, a coesão era muito fraca, o grupo exogâmico pode ter permanecido restrito ao grupo de parentesco, no sentido estreito do termo, de modo que sempre deve ter havido um considerável número de pequenos grupos familiares independentes e coordenados. Uma condição desse tipo, que é exemplificada pelos Esquimós, nunca poderia levar ao totemismo.

Por outro lado, quando a tribo tinha uma maior coesão, a consciência da relação de sangue pode muito bem ter se estendido por um período mais longo; e se a ideia de incesto permaneceu associada com o grupo inteiro, uma certa pressão logo deve ter resultado do desejo de reconhecer em seguida um indivíduo como pertencente ao grupo do incesto. Isto pode ser conseguido através da extensão da significância dos termos de relação, por meio dos quais os membros do grupo de incesto podem ser distinguidos do resto da tribo. Muitos sistemas de relacionamento incluem tal classificação de parentes; mas

com um tamanho crescente do habitat ou da tribo, esta forma deve também ultimamente levar à passagem de indivíduos de relacionamento desconhecido para fora do grupo de incesto.

A transferência de um indivíduo para o grupo de incesto é o mais fácil quando todo o grupo recebe algum sinal de reconhecimento. Logo que isso existiu, tornou-se possível manter o grupo exogâmico ou de incesto, mesmo quando a relação familiar de cada indivíduo não era mais traçável. Não é necessário que tal atribuição deva ser feita nomeando o grupo. Características comuns, como um ritual ou símbolos que pertencem a todo o grupo, teriam o mesmo resultado.

É óbvio que esta caracterização de um grupo de incesto pressupõe o desenvolvimento do conceito da família unilateral. Onde esse conceito não prevalece, uma diferenciação permanente de subgrupos da tribo dificilmente pode desenvolver-se. A origem da família unilateral deve provavelmente ser procurada nas condições de vida do grupo econômico primitivo. Onde relações conjugais permanentes prevaleciam e ambas as linhas maternas e paternas eram representadas no grupo econômico, condições para o desenvolvimento de uma família unilateral estavam ausentes. Um caso deste tipo é apresentado pelos Esquimós. Onde, entretanto, condições conjugais eram instáveis e as mulheres permaneciam membros do grupo econômico dos pais, a descendência materna era a única possível. Onde, no caso de relações conjugais mais permanentes, ou marido ou esposa se separava do grupo

parental dele ou dela e associavam-se ao grupo parental oposto, condições favoreceram o crescimento das famílias unilaterais. Tais alterações de domicílio podem ter sido determinadas por uma variedade de considerações. Elas resultariam ainda em condições primitivas onde o direito de propriedade no território de caça do homem existiu e onde, portanto, a mulher estrangeira se juntou ao grupo econômico do homem. Poderíamos esperar neste caso o desenvolvimento de famílias paternais. Quando, por outro lado, o direito de propriedade sobre terras agrícolas prevaleceu, o homem talvez tenha se juntado ao grupo de mulheres e uma família maternal teria se desenvolvido. Possivelmente isto pode estar relacionado prevalência de descendência materna entre as tribos agrícolas da América do Norte.

Não é meu objetivo aqui acompanhar o desenvolvimento da família unilateral. Desejo apenas salientar que um desenvolvimento variado pode ser esperado sob condições primitivas variáveis.

Será facilmente visto que os elementos da organização totêmica são dados onde quer que uma família unilateral seja designada por algum traço característico.

Além disso, onde quer que a descendência unilateral prevaleça, tanto paterna ou materna, deve haver uma tendência em direção à diminuição do número de linhas que constituem as unidades exogâmicas. Este deve ser o no sentido de caso mais encontrado, quanto menor o número de indivíduos que constituem a unidade de tribo,

e quanto mais lenta a taxa de aumento da população. Se assumirmos como ponto inicial um número de mulheres, todas representando linhas distintas, então todos aqueles homens (ou mulheres) cujos descendentes não atingem a maturidade e aqueles que têm apenas filhos (ou filhas, conforme o caso), não vão se tornar criadores de linhas, e obviamente o número de linhas irá diminuir com o avanço das gerações, a menos que esta tendência seja contrabalançada por novas adesões ou subdivisão em novas linhas. Em pequenas unidades sociais a redução continuaria até restar apenas duas unidades exogâmicas. A evidência histórica da extinção das famílias unilaterais é representada no desaparecimento de famílias da nobreza europeia¹².

As três linhas de desenvolvimento, a saber, a restrição do grupo de incesto para a família sem a ocorrência de grandes grupos exogâmicos, a extensão de termos de relacionamento para grupos maiores e a nomeação ou outra caracterização dos grupos exogâmicos, são todas representadas nos dados etnológicos que foram coletados.

Se a teoria aqui traçada está correta, devemos esperar encontrar uma grande variedade de dispositivos utilizados com a finalidade de caracterizar grupos exogâmicos, que devem se desenvolver de acordo com o tipo cultural geral ao qual as pessoas pertencem. É óbvio que, em tais casos, quando a caracterização do grupo é devida devido à tendência em desenvolver uma marca distintiva, todas estas marcas devem ser do mesmo tipo, mas diferentes nos conteúdos. Não parece plausí-

vel que traços de distinção devessem pertencer a domínios do pensamento inteiramente distintos; que um grupo possa ser reconhecido por um nome, outro por um ritual, um terceiro por cristas ou emblemas. O princípio fundamental de classificação tal como ele se manifesta na vida mental do homem mostra que a base da classificação deve ser sempre fundada sobre os mesmos conceitos fundamentais. Podemos concluir, inversamente, que a homologia de marcas distintivas das divisões sociais de uma tribo é, uma prova de que eles resultam de uma tendência classificatória.

Columbia University, New York City.

NOTAS

¹ Expandido da Tsimshian Mythology (Annual Report of the Bureau of American Ethnology, Vol.31, pp.515-518)

² Bastian-Festschrift, Berlim, 1896, p. 439; Report of the North- Western Tribes of Canadá(British Association for the Advancement of Science, 1898, Reprint, p.48); ver também Report on the North –Western Tribes of Canada, 1889, Reprint pp.24 et seq.: “The Social Organization and the Secret Societies of the Kwakiult Indias” (Report U.S.National Museum for 1895, Washington, 1897, pp.332,336,662)

³ Transactions of the Royal Society of Canada, 1901-1902, Vol. VII, Sec. II, pp. 6 et seq.

⁴ The import of the Totem, a Study from the Omaha Tribe(Salem, Mass,1897)

⁵ Totemism and Exogamy, IV, p.48.

⁶ Les formes élémentaires de la vie religieuse, pp.246 et seq

⁷ “The origin of totemism” (Journal of American Folk-Lore, XXIII, 1910, p.392); “Some traits of Primitive Culture” (ibid., XVII, 1904,p.251): Psychological Problems in Anthropology, Lectures and Addresses delivered before the Department of Psychology and Pedagogy in celebration of the Twentieth Anniversary of Clark University, Worcester, 1910,pp. 1125 et seq.; see also *The Mind of Primitive Man*, pp.174 et seq

⁸ “Totemismo, na Analytical Study” (Journal of American Folk-Lore, XXIII, 1910, pp.179 et seq)

Some Traits of Primitive Culture, 1904.

⁹ *Völkerpsychologie*, Vol. II, Part 2 (1906), pp. 328 et seq.: *Elemente der Völkerpsychologie*, 1912, pp. II6 et seq.

¹⁰ *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse*.

¹¹ Fahlbeck, *Der Adel Schwedens*.

DO ORIGINAL

Boas, Franz. “The Origin of Totemism.” *American Anthropologist*, New Series, 18, no. 3 (1916): 319-26. <http://www.jstor.org/stable/660307>.